

## **Jornal diário, sem revisor: 1.001 desvios ou mais**

Daily newspaper, no reviewer: 1.001 deviations or more

Cláudia Helena Santos Rezende<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este artigo trata da importância do revisor de textos em um jornal impresso de circulação diária. Ele foi produzido a partir de uma pesquisa quantitativa que investigou a frequência de desvios e inadequações em um veículo de comunicação de grande circulação em Belo Horizonte (MG), demonstrando quais eram os tipos mais comuns de problemas e como eles ocorriam em cada editoria ou seção do jornal analisado. O que se constatou é que a maior ocorrência de desvios ou inadequações está relacionada à vírgula e que existe um padrão diferenciado de problemas entre as seções do veículo. Como base bibliográfica, foram utilizados gramáticas, dicionários de português, francês e inglês, manual de redação e estilo jornalísticos e obras relacionadas à produção textual de forma geral. O artigo procurou demonstrar que a falta de um setor de revisão textual em um veículo impresso acarreta prejuízos não só para os leitores como também para o próprio jornal.

**Palavras-chave:** Revisão. Jornal. Inadequações. Pontuação. Vírgula.

### **ABSTRACT**

This article addresses the importance of the proofreader in a newspaper of daily circulation. It was produced from a quantitative study that investigated the frequency of deviations and gaps in a communication vehicle of general circulation in Belo Horizonte (MG), showing which were the most common types of problems and how they occurred in each editorial office or section on the newspaper analyzed. What was found is that the prevalence deviations or inadequacies is related to the comma and that there is a distinct pattern of problems between the sections of the vehicle. As a bibliographic database, were used grammars Portuguese, French and English dictionaries, writing and journalistic style manual and works related to the production of texts in general. The article sought to demonstrate that the lack of a proofreading sector in a printed matter is detrimental not only to readers but also For the newspaper itself.

**Keywords:** Review. Newspaper. Inadequacies. Punctuation. Comma.

## **1 INTRODUÇÃO**

A investigação aqui apresentada partiu do pressuposto de que as seções de um jornal impresso podem ter ocorrências de inadequações gramaticais e de padrão

---

<sup>1</sup> Formada em Comunicação Social e especialista em Revisão de Textos. A pesquisa aqui apresentada foi produzida como Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em Revisão de Textos, do Instituto de Educação Continuada (IEC) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

diferentes umas das outras. A hipótese foi estabelecida no caso de um veículo de comunicação que não possuía o setor de revisão de textos nem manual de redação e estilo próprio. A intenção foi demonstrar que o profissional é importante não apenas para evitar as inadequações, mas também para conferir credibilidade ao veículo diante do leitor. Da mesma forma, o manual de redação e estilo é ferramenta fundamental para se estabelecer a padronização em todo o veículo. Este orienta o jornalista sobre a forma de escrita seguida pelo jornal, evitando que cada um escreva de uma maneira.

Para isso, foi realizada uma pesquisa quantitativa e exploratória, tomando como objeto de estudo um jornal de grande circulação de Belo Horizonte, cujo nome ficará preservado neste trabalho. Todas as seções, na linguagem jornalística denominadas editoriais, tais como Capa, Política, Opinião, Economia, Mundo, Brasil, Minas, Geral, Classificados, Veículos, Turismo, Cultura, Infantil e Domingo, foram analisadas. Importante destacar que algumas seções tiveram os nomes trocados por denominações mais genéricas, para que não fosse possível identificar de qual veículo se trata.

Além do levantamento desse *corpus*, foi realizada pesquisa na literatura acerca da revisão de textos de forma geral, pelo fato de não haver material disponível especificamente sobre a revisão de textos jornalísticos. Portanto, buscou-se a bibliografia existente no campo da revisão, da gramática, do gênero jornalístico e da produção de textos. Foram usados como base teórica autores como Aristides Coelho Neto, Maria da Graça Costa Val, Nilson Lage, Celso Pedro Luft, Evanildo Bechara e Celso Cunha, dentre outros, além de dicionários de língua portuguesa, de língua inglesa e de língua francesa e manuais de redação e estilo jornalísticos. O estudo limitou-se a identificar os desvios e inadequações, não procurando justificá-los, o que extrapolaria o objetivo desta pesquisa, mas que dá ensejo a desdobramentos futuros.

Após o término do levantamento do *corpus*, a constatação é de que existem, sim, variações nas inadequações encontradas conforme a editoria do jornal analisada, mas elas são mais quantitativas que qualitativas. Isso se deve ao fato de que as ocorrências identificadas, na maioria dos casos, repetiam-se nas seções. Algumas editoriais registraram uma variação menor de desvios, outras, uma variação maior. O destaque foi o uso inadequado da vírgula. Esse aspecto esteve presente em todas as seções de forma representativa, sendo o mais recorrente na maioria delas. Uma deficiência textual que poderá ser analisada mais a fundo em futuras pesquisas.

Cabe aqui lembrar que a pesquisa, além dos aspectos técnicos e científicos, apresenta fatores subjetivos: a coleta dos dados foi feita pela autora da pesquisa, a partir do que ela considera inadequações ou desvios da norma culta da língua portuguesa ou desrespeito ao padrão de escrita jornalística, a partir de uma lente baseada no repertório teórico e prático da autora. Determinada inadequação pode não ser considerada como tal de forma unânime, e este é um dos aspectos da revisão textual. Cada profissional atua de uma maneira, de acordo com os próprios conhecimentos e a própria formação. Apesar dessa ressalva, é importante destacar que toda a leitura do material pesquisado foi feita com extremo respeito ao texto do autor e levando em consideração as características da escrita jornalística, quer sejam a fluidez, a simplicidade, a dinamicidade ou a rapidez.

## **2 A LITERATURA SOBRE O TEMA**

“Como escreve um jornalista? Numa palavra: depressa”. A frase citada está na primeira linha da página 19 do capítulo II do **livro O Globo: Manual de redação e estilo** (2008), organizado e editado por Luiz Garcia. A escolha da reprodução do registro acima na seção que aborda a literatura utilizada no presente artigo está relacionada ao fato de que é preciso entrar um pouco no universo jornalístico para compreender melhor o padrão de escrita que nele se encontra. O **Manual de redação e estilo do jornal O Globo**, ao tratar do estilo de escrita jornalística, permite a compreensão do modo de produção do texto e o motivo pelo qual inadequações podem ocorrer, embora elas nunca sejam justificadas. O próprio autor destaca que “Relatórios têm que ser informativos e precisos, a obra literária pede elegância de estilo; só o jornalismo requer tudo isso, e depressa, sem que a rapidez seja desculpa válida para o erro ou a mediocridade” (GARCIA, 1996, p. 19).

Foi escolhido **O Manual de redação e estilo do jornal O Globo** como parâmetro para estudo porque, em entrevista feita com a editora-executiva do veículo de comunicação objeto da pesquisa, foi mencionada a obra como referência para os jornalistas do veículo, já que o mesmo não possui manual próprio. Dessa forma, questões de estilo e de padronização teriam como base o manual do jornal O Globo. No

entanto, o manual não trata da questão da revisão. Uma observação é que a obra está esgotada, e a edição utilizada neste estudo é a de 1996, portanto, ainda fora do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Naquele momento, essa havia sido a edição mais recente, encontrada em livrarias de livros usados.

No campo gramatical, para consulta e esclarecimento de dúvidas, utilizou-se como referência a **Moderna gramática da língua portuguesa**, de Evanildo Bechara. A edição é de 2009 e já está dentro das normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. É uma gramática normativa, que também contém elementos importantes quanto ao que é “correto” e ao que é “exemplar”:

Quando se fala do exemplar, fala-se de uma forma eleita entre as várias formas de falar que constituem a língua histórica, razão por que o eleito não é nem correto nem incorreto. Já quando se fala do correto, que é um juízo de valor, fala-se de uma conformidade com tal ou qual estrutura de uma língua funcional de variedade diatópica, diastrática ou diafásica (...). O modo exemplar pertence à arquitetura da língua histórica, enquanto o correto (ou incorreto) se situa no plano da estrutura da língua funcional. Cada língua funcional tem sua própria correção à medida que se trata de um modo de falar que existe historicamente. (BECHARA, 2009, p. 52)

Outra gramática que teve importante uso foi a **Nova Gramática do português contemporâneo** (2009), de Celso Cunha e Lindley Cintra, também de acordo com a nova ortografia. É uma gramática descritiva, porém, com elementos muito importantes a respeito da linguagem, do texto, do que é considerado correto ou não. A respeito da língua padrão, que é a utilizada na linguagem jornalística, embora esta pareça ser mais simples e coloquial, os autores observam: “A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade” (CUNHA; CINTRA; 2008, p.4). Ao tratar do tema correção em língua portuguesa, os autores afirmam que “por cima de todos os critérios de correção – aplicáveis nuns casos, inaplicáveis noutros – para o da aceitabilidade social [...], o único válido em qualquer circunstância”. (op.cit., p. 8)

Ainda no campo gramatical, recorreu-se ao livro **A vírgula** (2009), de Celso Pedro Luft, para esclarecimentos acerca do problema mais recorrente encontrado no jornal analisado. Na obra, são apresentadas (e sanadas) as grandes dúvidas quanto ao

uso da vírgula e também o registro do autor sobre o quanto é importante saber bem usar esse sinal de pontuação. Ele registra essa importância de uma forma até incisiva:

Mas é justamente essa miúda coisa, esse risquinho, que maior informação nos dá sobre as qualidades do ensino da língua escrita (...). Da virgulação é que se pode depreender a consciência, o grau de consciência que tem, quem escreve, do pensamento e de sua expressão, do ir-e-vir do raciocínio, das hesitações, das interpenetrações das ideias, das sequências e interdependências, e, linguisticamente, da frase e sua constituição. As vírgulas erradas, ao contrário, retratam a confusão mental, a indisciplina do espírito, o mau domínio das ideias e do fraseado. (LUFT, 2009, p. 17)

Duas outras obras que mereceram destaque na realização desta pesquisa são o **Dicionário prático de regência nominal** e o **Dicionário prático de regência verbal**, do mesmo Celso Pedro Luft, ambos de 2010. Nos dois dicionários, foi possível certificar se o padrão de uso dos nomes e verbos e seus complementos estava de acordo com a norma culta da língua portuguesa. Para as questões de ordem ortográfica, foram utilizados os dicionários **Larousse francês/português, português/francês** (2008), **Michaelis inglês/português, português/inglês** (2003), o **Minidicionário da língua portuguesa** (2009), de Evanildo Bechara, e o **Dicionário Houaiss da língua portuguesa** (2009). Além deles, foi utilizada a versão eletrônica do **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp)**, disponível no *site* da Academia Brasileira de Letras<sup>2</sup>.

Diante da discussão do que é correto ou incorreto, do que é corrigível ou do que não deve ser corrigido, o que se procurou adotar nesta pesquisa foi o critério do bom senso, conforme o que preconiza a linguagem jornalística. A principal referência para investigação da linguagem jornalística foi a obra **Teoria e técnica do texto jornalístico** (2005), de Nilson Lage. O autor destaca o caráter dinâmico e simples dessa forma de expressão. Nilson Lage enumera que um dos aspectos principais desse gênero literário é o de ser produzido às pressas com a obrigação de tornar os fatos inteligíveis para um público aferido. (LAGE, 2005, p. 5).

Apesar de destacar as características de simplicidade, universalidade e dinamicidade do texto jornalístico, Nilson Lage observa que o mesmo deve respeitar a língua padrão (ou norma culta), que é a forma que “permite que um texto seja lido além

---

<sup>2</sup> Disponível em <<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>

da comunidade linguística em que o autor vive ou aprendeu a língua materna” (p. 126). Outra vantagem de se recorrer à língua padrão, conforme o autor, é o fato de ela garantir durabilidade ao enunciado.

Nilson Lage apresenta características da linguagem jornalística que são importantes de serem registradas neste estudo. São elas: utilização de palavras do registro formal admissíveis no registro coloquial da linguagem; eliminação de expressões que possam ser entendidas como manifestação de preconceito; criação de neologismos e atualizações necessárias; cuidado com o modismo de trocar denominações para “melhorar a imagem” dos entes nomeados; eliminação de palavras estrangeiras, de gíria local e jargão profissional; precisão relativa, dependendo do contexto e do destinatário das informações; emprego de flutuações gramaticais; eliminação de adjetivos e categorias testemunhais; eliminação de advérbios que expressam juízos de valor ou modulam predicções e sentenças; construção das sentenças em terceira pessoa e utilização dos tempos verbais passado perfeito, futuro e presente pelo futuro. (p. 128-132)

Outra enumeração importante que o autor apresenta é a de erros comuns nos trabalhos realizados pelos alunos dele no curso de Jornalismo. Os desvios que Lage encontrou foram de três naturezas: ortográfica, sintática e de propriedade vocabular. No caso dos problemas de ordem sintática, o autor menciona em dois itens o uso inadequado da vírgula. O primeiro diz respeito ao emprego da vírgula em locuções nominais próprias e situações de aposto. O segundo é relativo ao uso da vírgula em sentenças intercaladas (p. 132-133). A menção mais frequente do problema com vírgula entre os estudantes de jornalismo coincide com os desvios mais recorrentes de emprego do sinal, também encontrado durante a pesquisa aqui apresentada.

A respeito de construção de textos, aspectos coesivos e coerência textual, recorreu-se a duas obras principais: **Redação e textualidade** (2006), de Maria da Graça Costa Val, e **Roteiro de redação: lendo e argumentando** (2006), de Antonio Carlos Viana (Coord.). Costa Val apresenta uma definição importante de texto: “unidade linguística comunicativa básica, já que o que as pessoas têm a dizer umas às outras não são palavras nem frases isoladas, são textos” (p. 3). Daí se depreende a importância da boa construção de texto, para que o enunciado faça sentido para quem o recebe e satisfaça a intenção do autor. Sobre a coerência, a autora observa que esse elemento é

considerado o fator fundamental da textualidade, sendo o responsável pelo sentido do texto. Entende-se por textualidade o “conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto, e não apenas uma sequência de frases” (VAL, 2006, p. 5). A coesão é definida como a manifestação linguística da coerência e é obtida por meio de mecanismos gramaticais e lexicais, como pronomes anafóricos, artigos, elipse, concordância, correlação entre os tempos verbais e conjunções (p. 6).

A obra **Roteiro de redação: lendo e argumentando** tem foco principal na construção de redações, não especificamente para o texto jornalístico, mas não deixa de acrescentar ao entendimento dos aspectos que devem ser considerados na produção textual de forma geral. Dentre outros aspectos, os autores trabalham com a questão da coesão e da coerência, do paralelismo e dos conectores ou conectivos, todos importantes no discurso jornalístico.

A bibliografia disponível a respeito de revisão de textos ainda é escassa, mas vem crescendo muito nos últimos anos. Dessa forma, foram utilizadas duas obras de referência no tema: **Além da revisão** (2008), de Aristides Coelho Neto, e **Manual do revisor** (2000), de Luiz Roberto Malta. A primeira traça um histórico da escrita e da atividade de revisão, destacando a importância do profissional na área. Para o autor, deixar a revisão de lado é abdicar da qualidade (NETO, 2008, p. 26). Isso porque todo escritor está sujeito a produzir textos com inadequações. “Qualquer autor, por melhor que seja, comete erros, emite conceitos incoerentes, é repetitivo, fica cego às vezes a coisas absurdas que o seu texto contém” (NETO, 2008, p. 61).

A obra de Aristides Coelho Neto também apresenta orientações para o trabalho do revisor, descrição dos termos que fazem parte do jargão profissional da área, testemunhos de trabalhos já realizados e outros temas. Diante do que ele apresenta, ficam duas certezas: a de que o revisor é fundamental e a de que inadequações sempre vão existir nos textos, sendo que, com o trabalho de revisão, pode-se reduzir um pouco a ocorrência delas no material veiculado. Coelho Neto frisa muito bem que um desvio que passa fica para a eternidade: “erros perenizados, transcendendo os séculos. Estes últimos, uma vez perpetuados, não mais admitem reflexões tardias sobre a falta de um revisor”. (p. 12)

A segunda obra específica sobre o tema, **Manual do revisor**, tem mesmo a função de um manual, com dicas e orientações sobre o ofício. Apesar de o autor ter a

atenção voltada para a revisão de livros, ele faz pequena menção ao texto jornalístico e mostra-se complacente com os problemas encontrados nas edições:

Ficamos bastante irritados com os erros que todos os dias encontramos em jornais e revistas, mesmo os mais sérios e conceituados, mas é preciso relevar até certo ponto. A rapidez com que a notícia e seu comentário precisam ser divulgados, a competição entre os meios de comunicação impressos, a abolição – vamos falar francamente! – da figura do revisor na retaguarda das redações, principalmente dos jornais, explicam os absurdos que hoje encontramos diariamente nos jornais. (MALTA, 2000, p. 15)

E, sobre o trabalho do revisor, Malta é enfático: “Tem de contribuir com seus conhecimentos, sua cultura geral ou especializada, claro está, mas não pode mostrar-se um autor frustrado, entrar em conflito com a editora, com o autor, com o tradutor, de tanto mexer no texto, de tanto alterá-lo”. (p. 17)

A partir do que foi utilizado nesta pesquisa, foi possível traçar um panorama geral do quadro, entender o gênero jornalístico e a produção textual e encontrar recursos para consultar a norma padrão da língua portuguesa. Nesse aprofundamento bibliográfico, houve a constatação de que é preciso que se produzam mais pesquisas e obras que tratem do tema, de fundamental importância para qualquer texto.

### **3 METODOLOGIA DE PESQUISA**

Para realização desta pesquisa, escolheu-se um jornal de grande circulação de Belo Horizonte que não possuía setor de revisão de textos nem manual de redação e estilo. Optou-se por analisar todas as seções do veículo por inteiro. Dessa forma, foram lidas as editorias Capa (uma página), Política (sete páginas), Opinião (duas páginas), Economia (quatro páginas), Últimas Notícias (uma página), Minas (cinco páginas), Esportes (quatro páginas), Mundo (duas páginas), Brasil (uma página), Geral (uma página), Classificados (cinco páginas), Veículos (cinco páginas), Turismo (oito páginas), Cultura (seis páginas), Infantil (oito páginas em formato tabloide, o que dá quatro páginas no formato *standard*, o tamanho maior utilizado pelos jornais impressos), Domingo (12 páginas), totalizando 68 páginas.



As editorias Capa, Política, Opinião, Economia, Últimas Notícias, Minas, Esportes, Mundo, Brasil, Geral, Classificados e Cultura são diárias no veículo analisado, as demais são semanais. Por isso, para ser possível analisar todas as seções do jornal, foram coletados dados de três dias consecutivos<sup>3</sup>. Foi feita a opção de escolher datas próximas para que a ocorrência de mudanças internas, como saída e entrada de profissionais, não alterasse o resultado do estudo.

A pesquisa teve como base o estudo quantitativo do objeto e, para concretizar o objetivo, durante a leitura das 68 páginas, foram assinalados os desvios e as inadequações encontrados. No caderno Classificados, não foram analisados os anúncios classificados, como compra e venda de produtos, imóveis e veículos, porque eles são minitextos produzidos pelos interessados no negócio, ou seja, não são produção própria do jornal. O padrão de escrita dos anúncios poderia ser objeto de outra pesquisa à parte. Pelo mesmo motivo, não foram analisadas as mensagens escritas pelos leitores e publicadas na editoria de Opinião. Os quadrinhos e passatempos dos cadernos de cultura também não foram analisados, por serem produções que vêm prontas e não são editadas pelo veículo.

Depois de todo o material lido, passou-se ao trabalho de transcrição para o computador. A isso, seguiu-se a fase de tabulação dos dados, levantando-se quantas ocorrências de cada tipo foram encontradas em cada seção do jornal. Os resultados foram expressos em números absolutos e percentuais.

A classificação dos desvios foi feita a partir de discussões com a orientadora e da percepção do que estava ocorrendo com mais frequência. Assim, os problemas foram classificados como:

- Pontuação – Nesse item, foram incluídos todos os problemas de pontuação, com exceção das vírgulas, que ficaram em um quadro à parte devido à maior frequência. Em Pontuação, encontram-se falta de espaço entre palavras e sinais de pontuação, troca de vírgula por ponto, uso de vírgula e ponto e vírgula em uma mesma sequência e troca de hífen por travessão, dentre outros;
- Ortografia – O jornal analisado está escrevendo dentro das normas do Novo Acordo Ortográfico desde 1º de janeiro de 2009. Portanto, o critério empregado para identificação de problemas de ordem ortográfica foi o Novo

---

<sup>3</sup> O corpus analisado foi do período de 29 a 31 de outubro de 2010.

Acordo. Além das inadequações relativas ao Novo Acordo, nesse grupo, estão os demais problemas ortográficos, como grafia de nomes estrangeiros;

- Virgulação – Foi o problema mais recorrente, aparecendo em orações com apostos, orações intercaladas, em advérbios, entre sujeito e predicado, entre complemento e verbo e em outras situações menos comuns;

- Regência nominal;
- Regência verbal;
- Concordância nominal;
- Concordância verbal;

- Informação – Algumas matérias apareceram com problemas nas informações apresentadas. Por exemplo, uma matéria trazia um número, e o infográfico, outro;

- Diagramação – Apareceu poucas vezes, mas sem prejuízo para o leitor;
- Ambiguidade;
- Artigo;
- Advérbio;

- Emprego de pronome;

- Separação silábica – Os principais problemas eram relativos à separação silábica de palavras estrangeiras;

- Padrão – Como o jornal não tem manual de redação e estilo, foi considerado o que é universal no texto jornalístico para uso de siglas e abreviações e números. No caso das siglas, emprega-se a norma que estabelece que, se forem mais que três palavras e formarem uma palavra pronunciável, usa-se caixa alta e caixa baixa. Se não formar palavra, tudo é grafado em caixa alta. Até três letras, sempre em caixa baixa. Algumas informações também foram obtidas a partir da entrevista com a editora executiva do veículo analisado. Foi um desvio difícil de classificar devido à falta do manual. O que se levou mais em consideração era se, em uma mesma matéria, a mesma palavra ou expressão vinha grafada de formas diferentes;

- Emprego de conjunção;

- Verbo – Nesse item, entraram problemas de tempo verbal utilizado nas orações e uso inadequado dos verbos *dicendi*;
- Construção inadequada – Apareceram construções sem sentido, com tempos verbais inadequados, com falta de palavras, com locuções inadequadas. Todos esses problemas foram enquadrados nesse item;
- Paralelismo;
- Caixa alta ou caixa baixa inadequada – Foram para este item inadequações como uso de caixa alta no meio do texto sem justificativa aparente e uso de caixa baixa em palavras como Lua, referindo-se ao satélite da Terra.
- Uso inadequado do onde ou de aonde;
- Uso do inadequado de por que.

Todo o material coletado e tabulado resultou em um total de 103 páginas.

#### **4 ANÁLISE DOS DADOS: O QUE FOI ENCONTRADO**

Nas 68 páginas analisadas, foram encontradas 1.005 ocorrências de inadequações. A editoria com o maior percentual de problemas foi a de Domingo, uma seção que traz matérias e informações a respeito de cultura, entretenimento, moda e gastronomia. A ideia inicial é de que ela seria uma editoria com menos problemas por ter, em hipótese, profissionais mais experientes e mais tempo para ser produzida, uma vez que é semanal. No entanto, o levantamento de dados mostrou que esses fatores não podem ser considerados. Nela, houve 213 registros, o que representa 21,19% do total. Grande parte dos problemas encontrados em Domingo estava nas seções de roteiro cultural, que, talvez por serem editados com mais pressa, possam ser feitos com menos rigor por parte do responsável. Em segundo e terceiro lugares em números absolutos de erros, ficaram os cadernos Infantil (11,74) e Turismo (11,24). A Tabela 1 abaixo traz um resumo do total de problemas de cada seção e o percentual deles em relação ao total encontrado:

**Quadro 1 – Planilha geral de desvios e inadequações**

Seção	Páginas	% de páginas em relação ao total	Total de inadequações	% de inadequações em relação ao total	Tipos de inadequações
Capa	1	1,47	5	0,49	4
Política	7	10,29	82	8,15	17
Opinião	2	2,94	36	3,58	9
Economia	4	5,88	40	3,98	15
Últimas	1	1,47	12	1,19	7
Minas	5	7,35	74	7,36	17
Esportes	4	5,88	44	4,37	12
Mundo	2	2,94	30	2,98	11
Brasil	1	1,47	8	0,79	5
Geral	1	1,47	19	1,89	8
Classificados	5	7,35	91	9,05	14
Veículos	5	7,35	57	5,67	15
Turismo	8	11,74	113	11,24	13
Cultura	6	8,82	63	6,26	12
Infantil	4 (8 páginas formato tabloide)	5,88	118	11,74	12
Domingo	12	17,64	213	21,19	17
TOTAL	68	100	1.005	100	---

Fonte: dados da pesquisa.

A maior ocorrência de inadequações nos cadernos Domingo, Infantil e Turismo significou uma surpresa ao longo da pesquisa, uma vez que, por serem cadernos semanais, com maior tempo de elaboração, a hipótese que se tinha inicialmente era a de que eles teriam menos problemas. Percebeu-se que a origem dos desvios está relacionada à pontuação de forma geral, à vírgula e à falta de padronização. Por limitação de espaço, será impossível reproduzir aqui todas as tabelas de cada editoria analisada. Dessa forma, optou-se por apresentar o problema com mais recorrência em cada uma delas; com base no material acima, observa-se que a maior parte das seções (14) tem o mau emprego da vírgula como problema mais recorrente. Duas têm a vírgula em primeiro lugar, empatada com outros elementos, e apenas duas têm como principal problema desvios de outra origem: são elas Opinião e Geral. Essas duas apresentaram mais problemas com emprego de pronome. É importante lembrar que o uso de pronomes se mostrou mais inadequado no caso de anáforas e catáforas. O que se via era o uso de catáfora em ocasiões que exigiam a anáfora.

**Quadro 2 – Problemas encontrados por editoria**

<b>EDITORIA</b>	<b>PROBLEMA</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
Capa	Vírgula	40%
Política	Vírgula	48,78%.
Opinião	Pronome	27,77%
Economia	Pontuação, vírgula	15% cada problema
Últimas notícias	Pontuação e vírgula	25% cada problema
Minas	Vírgula	31,08%
Esportes	Vírgula	36,36%
Mundo	Vírgula	16,66%
Brasil	Vírgula	37,5%
Geral	Pronome	26,31%
Classificados	Vírgula	42,85%
Veículos	Vírgula	24,56%
Turismo	Vírgula	35,39%
Cultura	Vírgula	25,39%
Infantil	Vírgula	20,33%
Domingo	Vírgula	27,69%

**Fonte: dados da pesquisa.**

Também se nota que há um intervalo grande entre os percentuais de problemas com vírgula encontrados nas seções. Ele varia entre 15% e 48,78% do total de erros. Isso ocorre porque houve editorias em que o mau emprego da vírgula predominava sobre todos os outros desvios, o que foi o caso de Política, Classificados, Capa e Brasil. Nos demais, as inadequações eram mais distribuídas e, assim, reduziam-se os percentuais relativos à vírgula. Foi o caso de Economia, que teve 15% de problemas de vírgula, junto com 15% de pontuação e 15% de padrão em primeiro lugar de inadequações.

Com relação ao total das ocorrências, como havia se falado acima, em números brutos, a editoria Domingo apresentou mais registros, 213 (21,19% do total), mas é preciso também discutir os dados relativos. A editoria Domingo teve 21,19% dos problemas, mas teve 17,64% das páginas, um número alto (12) em relação ao total de 68. Mas é importante destacar que a editoria que apresentou o maior percentual de erros

em relação ao total de páginas foi a Infantil. Nela, foram analisadas quatro páginas (5,88% do total), que reuniram 118 erros, o que representa 11,74% do total. A editoria é voltada para o público infantil, portanto, é lida por crianças. Daí se imagina que deveria haver maior cuidado com a língua portuguesa, já que, por meio dela, estão sendo formados novos leitores.

A editoria que apresentou o menor percentual de problemas em relação ao total de páginas foi a Capa, que teve 5 inadequações (0,49% do total) em uma página, o que representa 1,47% do total. A Capa é a apresentação do jornal impresso nas vitrines, a forma pela qual o veículo pretende conquistar o leitor. Talvez essa seja a explicação pela menor taxa de ocorrência de inadequações nessa seção.

A respeito da variação das inadequações, o que se obteve é que as editorias Política, Minas, Economia e Veículos foram as que apresentaram a maior distribuição dos problemas. Foram catalogados 17 nas duas primeiras e 15, nas duas últimas. Isso mostra uma descentralização maior das inadequações e problemas de origens mais diversas na seção. As que apresentaram menor variação foram Capa e Brasil, com 4 e 5 tipos diferentes. Brasil é uma editoria que trabalha com a maioria dos textos vinda de agências de notícias, e não produzida pelo próprio jornal, apenas editada. Esse fator pode ser a base de explicação da pouca variação de inadequações. Outras que também trabalham com grande parte do material vinda de agências, Mundo e Últimas Notícias, apresentaram 11 e 7 tipos de inadequações.

## **CONCLUSÕES**

A primeira e mais importante conclusão obtida com o trabalho apresentado neste artigo é a de que o revisor de textos é fundamental. Não se pode admitir como algo aceitável a ocorrência de 1.005 desvios e inadequações em 68 páginas de um jornal analisado por inteiro. Isso dá uma média de 14,77 problemas por página, lembrando que uma página nem sempre tem textos de cima a baixo, devido à presença de anúncios, ilustrações e fotos nelas.

Apesar da pressa cotidiana com que se atua em uma redação de jornal diário, seria importante a elaboração de um sistema de revisão que não comprometesse a

fluidez do trabalho. As páginas poderiam ser revisadas conforme fossem ficando prontas, para não atrapalhar o andamento.

No caso do jornal analisado, ao que parece, foi percebido por parte da diretoria que é importante que o setor seja implantado. Em entrevista com a editora executiva do veículo, obteve-se a informação de que o veículo está criando o departamento e que também está confeccionando um manual de redação e estilo. A profissional entrevistada reconhece que o jornal apresenta muitos problemas de ordem gramatical que poderiam ser evitados com a presença do revisor. Ela informou que, com frequência, o veículo recebe cartas de leitores reclamando das ocorrências dos problemas e que todas são respondidas, algumas até publicadas na editoria de Opinião. Isso demonstra que o leitor, público-alvo das mensagens jornalísticas, está atento ao respeito às normas gramaticais e à produção textual. A falta de rigor nesses quesitos leva ao prejuízo da imagem do veículo de comunicação com seu público-alvo, podendo até mesmo levar à perda de audiência. Hoje, conforme a editora-executiva do jornal analisado, o público-alvo da empresa são as classes A e B, porém, com o crescimento recente da classe C, esta também passou a figurar no interesse do veículo de comunicação.

Sobre os problemas mais comuns, ela afirma: “concordância, crase (melhorou muito, mas ainda tem), conjugação verbal (misturam plural com singular, não sabem se os dois verbos [em locução verbal] vão para o plural), a questão do hífen precisa de ajustes”. Para ela, os motivos que levam aos desvios são a falta de tempo e de cuidado, além do pouco domínio da língua portuguesa por parte de jornalistas menos experientes.

A respeito das causas das ocorrências dos desvios, seria preciso fazer uma nova investigação. O que se deve destacar é que eles existem, são diferentes entre as editorias, mas, em todos os casos, há grande predominância dos problemas com vírgulas. Isso leva a crer que a pontuação que produz tantas dúvidas deve receber maior atenção, não só por parte dos profissionais de jornalismo, mas também por parte de pais e professores que têm a missão de educar os futuros escritores desde a fase infantil.

## REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. 5.ed., 2009. Disponível em <<http://www.academia.org.br/>>. Acesso em 17 de abril de 2011.
- BECHARA, Evanildo. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. ver., ampl. e atual. Conforme o Novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CUNHA, Celso F. CINTRA, Luis Felipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- GÁLVEZ, José A. (Coord.). **Dicionário Larousse francês/português, português/francês**. 2.ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.
- GARCIA, Luiz. **O Globo: Manual de Redação e Estilo**. 23.ed. São Paulo: Globo, 1996.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- LUFT, Celso Pedro. **A Vírgula: considerações sobre o seu ensino e o seu emprego**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2009.
- LUFT, Celso Pedro. **Dicionário Prático de Regência Nominal**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2010.
- LUFT, Celso Pedro. **Dicionário Prático de Regência Verbal**. 9.ed. São Paulo: Ática, 2010.
- MALTA, Luiz Roberto. **Manual do revisor**. São Paulo: WVC Editora, 2000.
- MICHAELIS MODERNO DICIONÁRIO INGLÊS & PORTUGUÊS**. São Paulo, Melhoramentos, 2003.
- NETO, Aristides Coelho. **Além da revisão: critérios para revisão textual**. 2.ed. Brasília: Senac-DF, 2008.
- VAL, Maria da Graça Costa. **Redação e textualidade**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- VASCONCELLOS, Ana Cristina de; FRANÇA, Junia Lessa. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 8.ed. ver. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- VIANA, Antonio Carlos (Coord.). **Roteiro de redação: lendo e argumentando**. São Paulo: Scipione, 2006.